

EDITORIAL

Brenda Gonçalves Andujas¹

Gabriella Livramento²

Estimados leitoras e leitores, com entusiasmo publicamos a vigésima edição do periódico da revista *Em Tese*, o dossiê: “Religiões, imaginários sociais e (re)construção de nacionalidades”. A gestão da revista *Em Tese* é realizada por discentes, pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A revista tem como foco a divulgação de produções científicas de artigos temáticos e de fluxo contínuo incluindo, também, ensaios, resenhas, entrevistas e traduções.

O dossiê surgiu com a intenção de reunir textos que abordam o objeto de uma identidade nacional, a influência de mitologias e as diversas práticas religiosas na construção identitária. Com destaque para elementos analíticos, em torno da presença pública das religiões em contextos nacionais, internacionais e transnacionais. A existência das religiões no espaço social, em diversos níveis, é um dos elementos mais complexos para a compreensão analítica da contemporaneidade.

A análise consistiu em identificar origens, em alguns casos a institucionalização ou a desregulamentação, subjetivação e a práxis. No geral, as religiões agem no intuito de capturar a representação legítima acerca do mundo social e do papel de agente ativo que nele deveria desempenhar. As religiões derivam a representação a partir de suas respectivas construções lógicas e seus contextos nacionais – e, transnacionais.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciências Política da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSP/UFSC). E-mail: brendaandujas@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8681-5136>.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciências Política da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSP/UFSC). E-mail: livramentogabriella@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8026-959X>.

Em tal movimento de captura, ressignificação e tentativa de simbiose com as estruturas, a ideia de “nação” apresenta-se como um dos elementos mais importantes; sobretudo ao considerarmos a produção e circulação de imaginários. No caso do Brasil, o imaginário busca representar a ideia de “nação católica”, um componente herdado das nações do velho mundo, presente nos diversos feriados e símbolos religiosos que campeiam o espaço público.

Recentemente, observamos a migração de vários atores do campo religioso para a esfera política, com o objetivo de conduzir a construção/manutenção de projetos nacionais, identidades nacionais ou propostas identitárias. Com o objetivo de constituir ou manter como o credo ou imagem legítimos da nação. Nessa interação entre nação e religião, as minorias étnicas, sexuais, religiosas e sociais tendem a ser violentamente comprimidas.

As minorias representam o “outro” indesejável, aquele que perturba a ordem idealizada e supostamente natural. Reserva-se para esse “outro”, a guerra de eliminação política e/ou espiritual ou a submissão destrutiva de direitos sociais. A presença das religiões na esfera pública, impensável para os mais ardorosos defensores de uma certa ideia de “modernização social”, tem sido uma constante a pautar ações de parcelas cada vez mais numerosas de agentes públicos, grupos e indivíduos.

Ações visando a reprodução ou a reconstrução de imaginários sociais em torno de uma identidade religiosa legitimada, como a portadora da nacionalidade, em diversas realidades, têm levado inúmeros desafios a setores dos Estados. O que torna mais complexa a discussão em torno dos limites e das possibilidades de tal presença, em contextos nacionais modernizados ou em vias de modernização. Cada vez mais a religião tem sido tomada como uma questão para além da espiritualidade, ao assumir uma identidade política nas esferas institucionais.

Nas décadas que antecederam o modernismo brasileiro e como guia do próprio modernismo, as religiões cristãs como a espírita, moldou e influenciou parte dos movimentos sociais. Conforme escreveu Paulo da Conceição (2023) em ““As almas da nação”: o espiritismo, a geração de 1870 e as “questões sociais” na passagem do império para a república no Brasil”, no contexto da questão abolicionista, por exemplo, era percebido pelo espiritismo como uma oportunidade não apenas para afirmar seus valores morais, mas também para promover seu programa político, vislumbrando uma sociedade com maior liberdade e tolerância.

O espiritismo não apenas repudiava a escravidão por motivos morais, mas também a via como incompatível com uma visão mais ampla da humanidade, baseada em valores

cristãos e em uma sociedade mais justa e livre, nas palavras do autor surgiu como “[...] proposta de uma doutrina “moderna”, a dizer, uma doutrina que vinha ao mundo em pleno desabrochar do período histórico marcado pelo desenvolvimento da racionalidade [...]” (Conceição, 2023, p. 3).

Assim como a doutrina espírita marcou o período antecedente e o próprio modernismo brasileiro, os anos recentes foram influenciados por outra religião de mesma matriz, porém com vertente mais conservadora. Sua base vem sendo fundamentada na “eliminação do inimigo”, isto é, rechaçam qualquer alternativa diversa de sua doutrina, não são permissivos e contrários à causa das minorias. Tem como projeto enraizar-se nas instituições políticas para favorecer suas pautas morais, por meio de um projeto de nação bem definido (Machado, 2023; Lima et al, 2023).

Um exemplo da escalada da intolerância são as práticas preconceituosas contra religiões afro-brasileiras, como a Umbanda. O estudo de caso elaborado por Antônio Lima *et al.* (2023), evidenciou as expressões de racismo e preconceito aos praticantes umbandistas, e como estas tendem a intensificarem processos de exclusão. Essas ocorrências de intolerância, fizeram com que muitos se aquilombassem e buscassem construir redes de apoio e/ou suporte social para lutar contra as adversidades impostas pela “colonialidade”.

Enquanto no Brasil atual existe uma tentativa de institucionalização da fé e arranjos sociorreligiosos conflitantes, a Índia apresenta um embate enraizado e contraditório entre a violência e a pacificidade presentes no imaginário social que abrem precedentes para a ação truculenta do Estado. A coexistência de ideais tão antagônicos se dá por diversos fatores socioeconômicos, a começar pela hierarquia das castas e a imensa desigualdade social. Através de um resgate histórico, Arilson Paganus (2023), nos leva a refletir a respeito da mística, da desigualdade, da paz e da violência que configuram a sociedade indiana.

Diante do exposto, toda a equipe da Revista *Em Tese* celebra, mais uma vez, a conclusão exitosa do trabalho de editoração e publicação científica. Agradecemos, imensamente, a dedicação de todas as pessoas envolvidas no processo de elaboração deste dossiê. Assim como reconhecemos a importância das ações, que têm sido tomadas por atores da sociedade civil, para assegurar o desenvolvimento da ciência no Brasil.

Agradecemos, também, a todas as autoras e autores que optaram por publicar seu artigo na Revista *Em Tese*, como a todos que contribuíram como pareceristas, tornando possível a publicação de mais uma edição. Um agradecimento especial aos

editores-gerentes Fernanda dos Santos Trindade, Adriano Casemiro Nogueira Campos de Sousa e Mariana da Costa Schorn, que coordenaram esse dossiê, e a nossa editora-chefe a Professora Doutora Thais Lapa por todo apoio.

No mais, desejamos a todos uma ótima leitura!